

---

**“Cães De Guarda” sob ataque:  
Violência contra jornalistas em um cenário de pandemia e pandemônio<sup>1</sup>**

Ana Paula GOULART DE ANDRADE<sup>2</sup>

Leonardo Frazão DOS SANTOS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Eco-UFRJ e Facha, RJ

## RESUMO

A partir da metodologia de Estudo de Caso (YIN, 2001), o presente artigo pretende refletir sobre o cenário de ataque a jornalistas brasileiros. Tendo como base o relatório de violência produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj, a pesquisa focaliza dois casos de agressões ocorridos durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19, no ano de 2021: a expulsão do repórter Pedro Duran (CNN) de um ato realizado por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro, e o ataque ao correspondente Leonardo Monteiro (Rede Globo), durante a cobertura da cúpula do G20 em Roma. O trabalho tensiona a crise da democracia com as teorias do jornalismo e traz entrevistas semiestruturadas com os respectivos profissionais agredidos, a fim de perceber se eles associam os ataques vividos com o atual cenário político brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo. Cães de Guarda. Democracia. Violência contra jornalista. Pandemia.

## 1. INTRODUÇÃO

Jornalismo e democracia: esta é uma relação indissociável. De acordo com Barbosa (1920), Traquina (2005), Vizeu (2014) e Rios (2021), a imprensa está diretamente ligada ao fortalecimento das instituições de um país e da forma como as empresas jornalísticas se apresentam à sociedade como prestadores de um serviço fundamental ao Estado Democrático de Direito.

Apontados como os “cães de guarda” da sociedade, os profissionais da imprensa assumem o papel de defensores dos direitos dos cidadãos (TRAQUINA, 2005). Barsotti (2017) explorou conceitos do Jornalismo que definem esse ofício como algo a mais do que apenas um contador de acontecimentos. Tal posicionamento refuta a Teoria do Espelho (TRAQUINA, 2005), cuja definição do trabalho do jornalista é de um emissor da verdade absoluta dos fatos como eles são, como se a verdade fosse algo tangível ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Puc-Rio. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Eco/UFRJ e da Facha, E-mail: [goulartdeandrade@gmail.com](mailto:goulartdeandrade@gmail.com)

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Facha. E-mail: [frazao.nado@gmail.com](mailto:frazao.nado@gmail.com).

---

mensurável. A autora imputa a esse profissional o papel de prestador de serviço público essencial para a defesa da democracia de um Estado, apontando-lhe como um Quarto Poder e sua função serviria como os olhos do povo, um fiscal dos outros três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário (BARSOTTI, 2017).

A partir desse pressuposto, o presente trabalho intenta tensionar a agressão vivida por jornalistas durante a pandemia de Covid-19, elencando dois casos que ganharam ampla repercussão entre veículos de imprensa, entidade de federações jornalísticas e defensores dos Direitos Humanos: O primeiro episódio de agressão envolveu o repórter Pedro Duran, da CNN Brasil, no dia 23 de abril de 2021, quando foi hostilizado e expulso de um ato promovido em apoio à gestão do presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro, ao fim da “motociata”<sup>4</sup> realizada na capital fluminense, por apoiadores do chefe do Executivo. O segundo ataque foi promovido por policiais italianos e seguranças do presidente Jair Bolsonaro a Leonardo Monteiro, repórter correspondente da TV Globo na Europa, no dia 31 de outubro de 2021, último dia de cobertura da passagem presidencial nas reuniões do G20, que aconteceram em Roma, Itália.

Para tanto, a pesquisa está amparada nas edições do Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa do Brasil<sup>5</sup>, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj, que nas edições de 2019 a 2021 associou diretamente o crescimento da violência contra profissionais da imprensa ao mandato do presidente Jair Bolsonaro. O relatório apresenta gráficos que detalham pontos de análise como a demonstração crescente da última década, tendo o ano de 2020 como um destaque em números registrados. Outro gráfico busca identificar os agressores, e é onde Bolsonaro aparece à frente de todos os demais apontados, sendo responsável por 176 casos de agressão, ou seja, 40,89% do total de 428 registros. O documento classifica as agressões sofridas por profissionais de jornalismo em 13 categorias, com destaque para as mais recorrentes como: descredibilização da imprensa, censuras, agressões verbais/ataques virtuais, ameaças/intimidações, agressões físicas e até assassinatos de profissionais da mídia.

Rios (2021) destaca: “todo jornalista, enquanto cidadão, está suscetível à violência como qualquer outra pessoa: pode ser atropelado, agredido, assaltado e até

---

<sup>4</sup> Passeata realizada por motociclistas.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> Acesso em 09 de março de 2022.

mesmo assassinado sem que nenhuma das situações tenha relação com sua atividade profissional” (RIOS, 2019 *apud* RIOS, 2021, p.23). A pesquisadora ainda salienta que a impunidade nos episódios de violência aos profissionais de jornalismo, em exercício de suas funções, é uma das grandes responsáveis pelo crescimento dos índices de violência contra a categoria. Assim sendo, o trabalho traz como conceito-chave os “cães de guarda” (TRAQUINA, 2005), atribuindo aos jornalistas um papel visceral na defesa da democracia e do livre exercício da profissão, analisando a escalada vertiginosa dos registros de violência contra profissionais de imprensa, destacando o relatório publicado pela Fenaj anualmente, desde 1992. A presente pesquisa está ancorada na conjugação das metodologias de Estudo de Caso de Yin (2001), que prevê a investigação empírica de um fenômeno contemporâneo ainda em curso, e no método de entrevista semiestruturada (DUARTE; BARROS, 2006) como forma dialética de obter percepções dos jornalistas agredidos.

## 2. JORNALISMO E DEMOCRACIA

O jornalismo ocupa um lugar fundamental enquanto um alicerce na defesa do Estado Democrático de Direito, e seus profissionais prestam um serviço social fundamental à sociedade, o que ficou ainda mais concreto com a promulgação da Lei Complementar nº194, em 23 de junho de 2022, que torna essenciais o serviço de comunicação. Mas pra que essa relação Jornalismo *versus* Sociedade ocorra de forma clara e com a confiabilidade que a imprensa precisa para ser a responsável por reportar informações estruturais, é preciso uma garantia de que seu trabalho seja produzido de forma séria, debruçado sobre os conceitos básicos e fundamentais do código de ética da profissão, apuração e clareza nas suas informações.

Existe um acordo tácito entre a sociedade e o jornalismo que prevê a questão da credibilidade. A confiança, portanto, é um elemento central para que essa relação permaneça sendo um dispositivo de combate a qualquer ato antidemocrático. O desafio para que o jornalismo exerça um papel fundamental, confiável, e propagador de informações relevantes à sociedade está exposto no relatório da *Reuters* de 2019,<sup>6</sup> publicado em 12 de junho de 2019. O documento aponta as mudanças nos hábitos de

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.journalism.co.uk/news/reuters-digital-news-report-finds-that-trust-in-the-media-continues-to-fall/s2/a740147/> Acesso em 11 de maio de 2022.

---

consumo de notícias, 38 países na Europa, Américas, Ásia e África, entre estes, está o Brasil.

O relatório anual do Instituto *Reuters* traz por fim uma reflexão do editor executivo do Huffington Post, Jess Brammar, que entende que a disputa de espaço entre os veículos de jornalismo profissionais, alicerçados em técnicas e tendo a ética profissional em seu *modus operadi*, e os meios de comunicação que se propõe à buscar apenas por cliques e viralização de conteúdo à qualquer custo, é o desafio deverá se dar no *dark social*<sup>7</sup>, mas o jornalista aponta um ponto de vista e propõe uma ação criativa da empresas de mídia: “Existe uma oportunidade em que os editores são forçados a produzir conteúdo que o público ama tanto que compartilhará com sua família e amigos...”<sup>8</sup>.

Diante desse contexto de incertezas e equívocos sobre a profissão de jornalista, é válido recorrer às análises das teorias do jornalismo que destacam as rotinas produtivas e apontam o modo do fazer jornalístico nas redações. Traquina (2005) debate sobre algumas das teorias fundamentais do jornalismo, entre elas a teoria da ação pessoal ou teoria do *gatekeeper*, imputa ao profissional a decisão sobre o fluxo de notícias que teria que passar por “portões” que funcionam como um processo de escolha, sobre quais pautas valem apenas serem produzidas e virarem matérias. Em outras palavras, se um acontecimento deve ou não ganhar o *status* de notícia e ser publicizado. Entende-se como um processo arbitrário e subjetivo, pois coloca o jornalista no centro da análise, mas ignora que as normas das organizações interferem no processo por sua estrutura burocrática. Por essa ótica, os autores recorrem a Breed (2003), que expõe a relação do jornalista com a organização, compreendendo que o profissional se comporta e se conforma com a política editorial de um determinado veículo a partir de percepções introjetadas pela cultura profissional. Assim, o processo de construção noticioso também deve levar em conta o ambiente das rotinas produtivas.

Ainda de acordo com Traquina (2005), as teorias construcionistas consideram que as notícias são o que são devido às interações entre os agentes produtores das notícias, fontes oficiais ou não, a própria comunidade jornalística, intra ou extraorganizacional, a sociedade como um todo, empresários, políticos, profissionais

---

<sup>7</sup> Prática em que os usuários das redes sociais compartilham os links de conteúdos com suas redes de contatos.

<sup>8</sup> Tradução livre.

---

liberais, eleitores, etc. E trabalham baseados na hipótese do *newsmaking*, que enxerga as notícias como uma construção social da realidade.

Em tempo, a teoria da ação política ajuda a compreender esta árdua tarefa de decidir o que é notícia. Ela considera as implicações políticas e sociais da atividade jornalística e uma realidade que não pode ser ignorada: A posição complexa que os meios de comunicação ocupam. Se por um lado é um alicerce democrático e é o lugar de disputa à visibilidade na esfera pública dos acontecimentos, de outro também são negócios, organizados nas instituições que visam lucro, o que faz com que as empresas deste mercado caminhem sempre em uma linha tênue entre a ética profissional e seus interesses comerciais.

Vizeu (2014) se debruça sobre a relação entre o jornalismo e as empresas jornalísticas, considerando o sistema capitalista, resgatando a história do surgimento do jornal impresso e sua enorme ampliação devido às inclusões dos patrocínios e essa migração para o telejornalismo, quando a TV se transforma no veículo mais massivo, executando o funcionamento de sistema de redes. O autor ilustra o risco para o Estado Democrático de Direito quando a liberdade de expressão dos profissionais de jornalismo é desrespeitada ou relativizada, exemplificando a Ditadura Militar brasileira (1962 - 1985) e o porquê do desejo do regime de ter nas mãos poder sobre as empresas de comunicação.

Quando o poder público de um Estado age para interferir ou atacar a liberdade de imprensa, e desejam que a imprensa vire sua porta-voz, é um grave sinal de que a democracia daquele país corre sério risco de ruir, a exemplo de diversas outras nações. Em 2021, o Brasil, mesmo vivendo atualmente sob um regime democrático, figura pela primeira vez, depois de 20 anos, entre os países mais perigosos para jornalistas, segundo “Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa”, em matéria publicada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji <sup>9</sup>.

O texto utilizou números revelados pela organização não governamental, Repórteres Sem Fronteiras - RSF, cujo objetivo é defender a liberdade de imprensa no mundo <sup>10</sup>. Referente ao *ranking* do ano anterior, o Brasil perdeu quatro posições nesse ranking e, por isso, passou a representar uma das nações mais perigosas para os

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/brasil-entra-na-zona-vermelha-no-ranking-de-liberdade-de-imprensa> Acesso em 30 de março de 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://rsf.org/pt/ranking-mundial-da-liberdade-de-imprensa-2021-vacina-contra-desinformacao-o-jornalismo-segue> Acesso em 30 de março de 2022.

---

profissionais da mídia, ou “Zona Vermelha”, ao lado de países como: Nicarágua, Rússia, Turquia, Sudão, entre outros. E em sua atual posição, 110º da lista fica atrás e países como: Albânia, Zâmbia, Paraguai, entre outros: “Insultos, estigmatização e orquestração de humilhações públicas de jornalistas se tornaram a marca registrada do presidente Bolsonaro, de sua família e de pessoas próximas a ele”<sup>11</sup>.

Não à toa, em seu site, a RSF incluiu o presidente Bolsonaro em uma lista nomeada como “Predadores da liberdade de imprensa”, onde a Ong denuncia: “37 chefes de Estado ou de governo que impõem uma repressão massiva à liberdade de imprensa em todo o mundo”<sup>12</sup>.

Reforçando o conceito-chave de “cão de guarda”, conforme exposto nesta pesquisa, recorre-se a Barsotti (2017), que destaca o papel dos profissionais da imprensa ocupando uma função dupla de “vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos eventuais abusos dos governantes ao oferecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho de suas responsabilidades cívicas” (TRAQUINA, 2005 *apud* BARSOTTI, 2017, p.66).

### 3. VIOLÊNCIA À IMPRENSA

Na publicação anual do Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa do Brasil, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj constam os números de casos de violência registrados contra profissionais de imprensa durante o cumprimento de sua função profissional, e é observado um alarmante crescimento vertiginoso de casos de agressão, de diversas naturezas, contra os profissionais de imprensa, em especial, nos anos em que o Brasil mais sofreu com os efeitos devastadores da pandemia de Covid-19.

No ano de 2019 foram registrados 208 casos de violência contra profissionais de imprensa, neste ano a pandemia ainda não havia chegado ao Brasil. No ano seguinte, 2020, o país registrou 428 casos, ou seja, um crescimento de 105,77% em relação ao ano anterior, sendo definido como o ano mais violento para a classe dos profissionais de jornalismo desde 1990 quando a Fenaj começou a documentar esses números. De lá pra cá esse crescimento não parou, pois o ano de 2021 apresentou um avanço, no número que já era alarmante, totalizando 430 casos de ataques.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://rsf.org/en/index> Acesso em 04 de maio de 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://rsf.org/pt/portais/predator> Acesso em 30 de março de 2022.

---

A violência contra jornalistas representa um grave ataque ao Estado Democrático de Direito e às liberdades, conforme previsto na Carta Magna brasileira, promulgada em 1988. O ato se torna ainda mais preocupante quando é estimulado pelo próprio presidente do país. É o que mostra o relatório da Fenaj de 2019, ao adotar medidas até então inéditas em seus quesitos: contabilizar, especificamente, as agressões cometidas por um presidente da República. O resultado constatou um grande número de ataques promovido por Bolsonaro à profissionais de imprensa, seja pessoalmente, seja de forma digital em *lives* semanais ou, ainda, nas fatídicas paradas na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília, no que ficou conhecido como “cercadinho”, onde jornalistas eram atacados sistematicamente pelo presidente e seus apoiadores. O ambiente hostil com a imprensa ganhou forma de documentário. “Cercados” relata essa relação conflituosa com a imprensa e os jornalistas <sup>13</sup>.

#### 4. “CÃES DE GUARDA” SOB AMEAÇA

##### 4.1. Percurso Metodológico

As agressões aos jornalistas vinham se desenhando antes mesmo da pandemia. Não se trata apenas de um problema corporativo, mas um movimento que interfere no direito à informação de toda a sociedade. As diversas tentativas de silenciamento podem causar uma sensação de impotência e conformação, além de descrédito da profissão.

A fim de servir como dispositivo de resistência, o empenho deste trabalho é tentar mostrar o grave movimento de violência contra profissionais de imprensa no Brasil, no recorte temporal da pandemia da Covid-19 no mundo, que coincide com o primeiro ano do mandato do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. A definição desse recorde foi dada com base na análise da publicação anual do Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa do Brasil - 2020, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj, referente ao ano anterior que trouxe um destaque inédito, até então, na lista dos responsáveis pelas agressões, como por exemplo, o próprio Estado. No topo da lista, apontado como o maior algoz da categoria nos últimos anos por ataques e ameaças sistemáticas direcionadas a esses profissionais, foram feitas pelo próprio chefe do Poder Executivo brasileiro.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/cercados/t/FKjMrH2mtB/> Acesso em 06 de junho de 2022.

---

Para isso, buscou-se adotar dois tipos de metodologia, a fim de sistematizar o resultado do corpus escolhido: 1) Estudo de Caso (YIN, 2001) para investigar o fenômeno empírico ainda em formação e 2) Entrevistas semiestruturadas (DUARTE; BARROS, 2006) com os dois jornalistas que sofreram ataques durante o exercício de suas coberturas jornalísticas. Entende-se que a adoção do método estudo de caso se mostra eficaz para as pistas que a pesquisa intenta decifrar com os casos de agressão aos jornalistas Leonardo Monteiro (TV Globo) e Pedro Duran (CNN), compreendendo que estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p.32).

Igualmente, a conjugação da metodologia de Estudo de Caso com a técnica de entrevista semiestruturada proporciona a possibilidade de ampliar o olhar qualitativo sobre o fenômeno estudado, considerando uma interlocução mais direta com as vozes dos jornalistas que sofreram a agressão no exercício da profissão. Os relatos dos dois jornalistas profissionais que viveram as agressões dão pistas sobre a gravidade dos riscos ao Estado Democrático de Direito quando a liberdade de expressão dos profissionais de mídia é censurada ou relativizada, seja por cidadãos, autoridades públicas etc.

#### 4.2. Agressão Local

O repórter da CNN Brasil, Pedro Duran e o cinegrafista que o acompanhava naquela cobertura, Rodrigo Baldoíno, foram hostilizados e expulsos por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro de um ato promovido em apoio à gestão do atual chefe do Executivo, no dia 23 de maio de 2021, no Rio de Janeiro. Os jornalistas foram atacados enquanto trabalhavam na cobertura de evento, que contava, além da presença do presidente, de alguns ministros e demais políticos da sua base ideológica, e ocorreu ao fim da “motociata”, que cruzou a capital fluminense, saindo da Zona Oeste e terminando no Centro da cidade, naquele domingo <sup>14</sup>.

O evento foi um de uma série de treze motociatas que a comitiva presidencial promoveu por quatro regiões do país, apenas os estados da Região Norte não foram palcos dos atos, criados para que Bolsonaro mostrasse força e apoio popular, em um

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/jornalista-da-cnn-brasil-e-hostilizado-em-ato-pro-bolsonaro-no-rio/> Acesso em 10 de abril de 2022.



---

momento crítico de seu governo, onde a inflação passou a avançar, os números de mortes causadas pela pandemia da Covid-19 passavam das 1.000 vítimas por dia e a CPI da Covid, promovida pelo Senado Federal, expunha muitas fragilidades do Governo Federal e do Ministério da Saúde, principalmente no período em que tinha como chefe da pasta o General Eduardo Pazuello. Jair Bolsonaro, junto com dezenas de motociclistas apoiadores, cruzam a cidade do Rio de Janeiro, saindo da Zona Oeste e terminando o passeio no Aterro do Flamengo, Centro da cidade, no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra, conhecido como “Monumento aos Pracinhas”, provocando uma grande aglomeração em determinados pontos da cidade, ação reprovada por especialistas naquele momento tão sensível da pandemia, não só no estado do Rio de Janeiro, como em todo o Brasil.

No momento em que o repórter Pedro Duran tentou se aproximar do então ex-ministro da saúde, Gal. Pazuello, passou a ser alvo de insultos e agressões físicas, primeiro vindos de uma mulher que se colocou na frente do jornalista, para impedir seu acesso ao ex-ministro, tentando expulsá-lo com gritos e ofensas enquanto outra manifestante, mais agressiva, empurra Pedro e policiais militares precisaram intervir pela segurança dele e de seu colega cinegrafista, que exerciam seus ofícios. Sob gritos de “vagabundo”, “lixo”, “comunista”, “CNN lixo”, e outros xingamentos adotados por apoiadores do presidente Bolsonaro, os profissionais foram retirados do local e levados até um bairro próximo em uma viatura da PMRJ, para que tivessem garantida a segurança necessária. As imagens, gravadas pelos próprios manifestantes, mostram o momento em que os profissionais da imprensa precisam do apoio de policiais para que pudessem sair ilesos e fica claro que a intenção de alguns presentes, mais agressivos, era chegar às vias de fato e agredir fisicamente os profissionais, tendo em vista o número de vezes que os policiais precisaram retirar da frente agressores vestidos de verde e amarelo. No mesmo dia, a CNN publicou uma nota de repúdio ao episódio: <sup>15</sup>

Outras entidades também se posicionaram condenando os ataques aos jornalistas como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji, que em um trecho de sua nota disse que: “a obstrução do trabalho da imprensa é antidemocrática e se espera dos poderes Legislativo e Judiciário uma posição firme...” e

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/equipe-da-cnn-e-hostilizada-em-manifestacao-no-rj/> Acesso em 10 de abril de 2022.

---

a Associação Brasileira de Imprensa - ABI disse que repudia veementemente as agressões e que elas representam um atentado à democracia.

O Sindicato de Jornalistas do Rio e a Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj solicitaram que as autoridades estaduais tomassem as medidas para que os responsáveis pelo ataque aos jornalistas da CNN fossem punidos e a Ong *Humans Rights Watch*, em seu perfil no *Twitter*, condenou os ataques.

O jornalista da CNN não vê o presidente Bolsonaro como o único responsável pelo aumento expressivo das agressões à categoria de comunicadores, por acreditar que vá além do que essa culpabilização e esses fenômenos virem de antes de seu mandato. Duran direciona como a grande responsável por esse fato, a “incompreensão generalizada sobre o trabalho do jornalista” e que “o acirramento do debate eleitoral, especialmente da campanha eleitoral teve um impacto importante nesse fator, nessa estatística”.

Naquele dia, o foco da sua cobertura era conseguir falar com o ex-ministro da saúde General Eduardo Pazuello, pois, muito embora não fosse mais o chefe da pasta mais estratégica do país no momento em que a maior crise sanitária do século atingiu o Brasil, e ele passou a sofrer muitas críticas e acusações de crimes, especialmente surgidos das inquirições e respostas dadas no correr da CPI da Covid-19, Comissão instaurada pelo Senado Federal em 13 de abril de 2021 e que buscou investigar possíveis omissões e irregularidades nas ações do Governo Federal no combate ao vírus que, naquele momento, totalizava mais de 358 mil vítimas mortais em decorrência do vírus. Duran buscava uma palavra de Pazuello, já que segundo o jornalista:

Era importante ouvi-lo sobre a posição dele em relação a isso. Mas antes que pudesse se aproximar do personagem de sua reportagem, uma mulher, começou a me empurrar, começou a me xingar, as pessoas começaram a ser hostis e eu me vi sendo tirado de lá pela polícia (DURAN, 2022).

O repórter propõe uma discussão de como impedir que novos episódios como esse aconteçam, porque em seu ponto de vista é ilusório acreditar que as hostilidades a esses profissionais irão cessar com a hipótese de uma derrota de Bolsonaro nas urnas em outubro deste ano. Em uma passagem de sua fala, ainda sobre proteção de determinados profissionais em situação de vulnerabilidade, Pedro fala sobre ter prestado queixa e registrado um B.O., mas destaca o fato de trabalhar em uma empresa que lhe dá todo

respaldo necessário para agir nesse momento, não sendo essa a realidade de alguns dos seus colegas, que trabalham para mídias independentes, veículos menores ou que são *freelancers*<sup>16</sup>, ou seja, sem contarem com o amparo de um escritório de direito criminal à disposição deles e contemporiza “Eu não tenho coragem de exigir deles que façam isso por conta própria”.

Ele enfatiza apoio que recebeu depois de ser agredido e dos posicionamentos de organizações jornalísticas e de direitos humanos, mas não vê como suficiente:

A nota de repúdio é uma coisa efêmera, ela é uma medida que hoje tem um peso, amanhã não tem mais e daqui há uma semana ninguém mais lembra daquilo, então para além dessas notas de repúdio essas entidades, na minha opinião (...) deveriam se voltar a planejar maneiras de garantir que a punição também viesse. Pressionar polícia, pressionar o poder público para que de fato isso acontecesse (DURAN, 2022).

#### 4.3. Violência Exterior

No fim da tarde do dia 31 de outubro de 2021, alguns jornalistas, que cobriam a presença do presidente Jair Bolsonaro em Roma, Itália, para reuniões do G20, afirmam terem sido agredidos por apoiadores do presidente brasileiro, por seguranças da comitiva presidencial e até mesmo pelo próprio chefe do Executivo enquanto acompanhavam a saída do presidente da Embaixada do Brasil em direção à um ato promovido por seus apoiadores<sup>17</sup>.

O grupo contava com sete representantes de alguns jornais, emissoras e portais de notícias brasileiros e as imagens feitas com celular mostram o momento em que as agressões a três repórteres se intensificaram formando um tumulto na rua em que Bolsonaro caminhava. A equipe de segurança presidencial ganhou reforços locais, com policiais italianos, que se mostraram muito truculentos no trato com a imprensa.

O repórter e correspondente da Rede Globo, Leonardo Monteiro, que estava acompanhado do cinegrafista André Miguel, foi hostilizado pelo presidente Jair Bolsonaro e em seguida levado, à força, para a calçada por um segurança italiano que fazia parte do cordão de isolamento do Chefe de Estado brasileiro, empurrado e agredido com um soco na barriga, sob os gritos de “globalixo” vindos dos apoiadores

---

<sup>16</sup> Profissional autônomo, que pode prestar seus serviços para diversas empresas, sem qualquer vínculo empregatício.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/10/31/bolsonaro-hostiliza-jornalistas-em-roma-e-seguranca-agride-reporteres.ghtml> Acesso em 09 de abril de 2022.

---

do presidente depois de perguntar os motivos que teriam feito Bolsonaro faltar a alguns eventos do G20:

- "Presidente, presidente. O cara tá empurrando, gente. Presidente, por que o senhor não foi de manhã no encontro do G20?", perguntou o jornalista.

- "É a Globo? Você não tem vergonha na cara", disse Bolsonaro.

Não era um questionamento sem importância, já que a viagem à Roma foi para esse fim e que em alguns eventos iniciais, Bolsonaro não foi tão bem recebido por outros chefes de Estado, devido sua postura negacionista no combate à pandemia de Covid-19 e de seus ataques sistemáticos ao meio ambiente, e optou por uma agenda que mais se assemelhava à uma viagem de férias.

Todas as empresas jornalísticas, que tiveram seus profissionais agredidos, emitiram notas de repúdio ao episódio inaceitável e foram acompanhadas por outros veículos de imprensa e pela Associação Nacional de Jornais - ANJ, que cobrou apuração dos fatos e que os culpados sejam responsabilizados pelos seus atos violentos contra profissionais de imprensa.

As notas emitidas tinham como um dos principais culpados pelas covardes agressões aos profissionais de imprensa o presidente Jair Bolsonaro, que em toda oportunidade em que seja questionado, ou tenha seu argumento refutado, encontra na agressividade e na ameaça seus refúgios para falta de argumento, atitude que inflama seus apoiadores contra os profissionais de imprensa. A ANJ ainda expôs o risco que a impunidade em casos de violência contra jornalistas provoca aos pilares democráticos de um país como o Brasil, que tem a liberdade de imprensa como um direito garantido pela Constituição Federal de 1988: "A impunidade nesse e em outros episódios é sinal de escalada autoritária".

O repórter, correspondente internacional da *Globo News*, baseado em Portugal, Leonardo Monteiro é formado em Jornalismo pela Puc-Rio, e mestre em Jornalismo pela Universidade de Lisboa, e sobre a postura que adota enquanto está em pleno exercício de sua função, Monteiro expõe que ser definido como fiscal dos demais poderes, imputa ao jornalista a função de "olhos de uma população maior" e que este profissional busca "trazer aquilo de bom e de ruim da maneira mais imparcial possível...

---

E através desse exercício diário, que passa muito pela ética, e honestidade também, a questão profissional de saber o que é importante...”<sup>18</sup>.

Ao fazer uma regressão ao episódio da agressão que sofreu em outubro de 2021, o correspondente da *Globo News* aponta que sua indignação vai além da agressão ter escalado às vias de fato, mas que esta tivera sido motivada por uma pergunta que fazia sentido com o contexto daquela cobertura. O jornalista não fez perguntas sobre temas sensíveis para o presidente, como por exemplo, “rachadinha” ou qualquer outro tema polêmico. A sua pergunta foi: “Presidente, por que o senhor não foi de manhã ao encontro do G20?”. Esse questionamento pertencia àquele contexto, uma vez que a viagem presidencial tinha como motivador as reuniões bilaterais, com outros Chefes de Estado, promovidas no decorrer daquele período, e não uma viagem a lazer. Um dos eventos que Bolsonaro faltou foi uma cerimônia proposta pelo *Premiê* da Itália, Mario Draghi, que organizou um encontro na *Fontana di Trevi*, e contou com as presenças de Chefes de Estado como Angela Merkel, então *Chanceler* alemã, Emmanuel Macron, Presidente da França, entre outros. E o repórter esclarece que “era até uma demanda da minha própria chefia entender o porquê de o presidente do Brasil não ter comparecido àquele evento”.

A questão única direcionada ao presidente brasileiro foi feita repetidas vezes, por alguns ângulos, mas sem resposta. Essa insistência é possível ser vista e ouvida nos vídeos gravados momentos antes de o repórter ser agredido, mas o que não se pôde ver nas imagens é que essa mesma pergunta foi feita via assessoria de imprensa presidencial e tendo o silêncio como retorno, a missão jornalística de obter uma resposta do próprio presidente se fez urgente. Monteiro aponta que na falta de uma resposta plausível, que justificasse a sua falta, foi adotado, pelo presidente, o método de ataque ao emissor: “Ao invés de ele rebater a mensagem ‘eu não fui porque eu dormi’, essa era grande desconfiança, era cedo... ‘porque o senhor não foi? Não fui porque tive dor de barriga’ e nem uma resposta pronta ele tinha, então ele resolveu atacar o mensageiro”. Uma posição oferecida pelo ocupante do maior cargo do Poder Executivo é esperada, pois enquanto “funcionário público número 1” de uma democracia, seja quem for, deve satisfações ao seu povo e cabe ao jornalismo questionar e alcançar uma posição, uma resposta.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida a um dos autores. Disponível em: <https://bitly.com/Leonardo-Monteiro> .

---

As imagens que mostram o jornalista da TV Globo sendo agredido foram gravadas por Jamil Chade, repórter do UOL, que registrava a cena de agressão brutal ao seu colega de profissão a fim de registrar e identificar os responsáveis por aquela barbárie. Mas enquanto filmava, o jornalista teve o braço torcido e seu celular tomado pelo mesmo segurança que agredira Leonardo Monteiro, que após investir contra os profissionais de imprensa, abandonou o aparelho metros à frente<sup>19</sup>, ou seja, orientado ou não a agir assim, esse segurança mostrou um total despreparo profissional e a falta de compreensão do papel da imprensa em uma cobertura jornalística..

Sobre o crescimento das agressões registradas por jornalistas apontadas no relatório da Fenaj, Monteiro diz não ter dúvidas quanto a responsabilidade do presidente Jair Bolsonaro, e o atual cenário político criado do Brasil, como motivador desse crescente risco aos profissionais de imprensa em exercício de sua função: “É matemática de que o presidente é, de fato, um dos maiores agressores do jornalismo em si e é algo simples que eu vejo e acredito que tenha total relação porque os números, nesse caso, não mentem”.

E sobre responsabilizações e repercussões, Leonardo Monteiro diz que foi à uma delegacia, prestar queixa contra os responsáveis, que as investigações estão em curso e que ninguém se responsabilizou pelas agressões, a Embaixada brasileira nega ter sido a responsável pelo contrato do segurança agressor, assim como a Presidência da República. Ao dar sua opinião pessoal, o jornalista agredido afirma que:

Em nenhum momento a gente levantou isso, que ele é quem ordenou, não, nada disso, mas a gente acredita que o jeito dele ter respondido a maneira como ele trata um profissional da imprensa gerou esse comportamento, essa consequência que foi o segurança italiano ter me pego, me tirado, ao invés de me empurrar” (MONTEIRO, 2022).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa leitura, tendo como chave o conceito de “Cão de Guarda”, este trabalho visa colaborar com futuras pesquisas que focalizem o debate referente à agressão aos jornalistas.

Os relatos obtidos, especificamente para este Artigo, dos repórteres Leonardo Monteiro (*Globo News*) e Pedro Duran (*CNN Brasil*), mostram indícios, de uma pesquisa ainda incipiente, que a agressão ao jornalismo mostra que uma erosão democrática está em processo de evolução, e tal fenômeno precisa de análises mais

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OocFpRxh6po> Acesso em 06 de abril de 2022.

profundas, as quais este trabalho busca corroborar. Diante da visão consonante dos entrevistados para este trabalho, ambos convergem na opinião e na percepção de que o jornalismo é uma atividade sob ataques e que tem sua função fundamental desconhecida pela sociedade e que merece por tanto ser fortalecida.

Ao concluir este trabalho, é possível constatar que o grave fenômeno posto como objeto da pesquisa, agressões a jornalistas em exercício de seus ofícios, não se extingue, por ora, e que essa pesquisa pretende servir como inspiração para posteriores aprofundamentos do tema e é entendido como pertinente para a ampliação do debate sobre a importância do jornalismo livre, respeitado e encarado como um alicerce fundamental para um Estado Democrático de Direito. Ou seja, mais do que finalizado, esta pesquisa representa um necessário ponto de partida, somando-se a outros movimentos que visam combater a agressão aos “cães de guarda” para garantir a existência de um país plenamente democrático e defensor do direito à liberdade de imprensa.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, R. **A imprensa e o Dever da Verdade**. São Paulo: Editora Papagaio, 2004.
- BARSOTTI, A. **Primeira página: Do grito no papel ao silêncio no jornalismo de rede**. Volume I. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais, PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2017.
- DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Em Comunicação**. 2ª ed. Brasil: Editora Atlas, 2ª Ed., 2006.
- DURAN, P. **Entrevista concedida ao autor em 11 de maio de 2022**.
- FEDERAL, Senado. **Constituição Federal**. Brasília, 2010.
- MONTEIRO, L. **Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2022**.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo - Volume I: porque as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- RIOS, A. O. **Violência contra jornalistas: Características e manifestações a partir dos relatórios da FENAJ no período 2012-2020**. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2021.
- VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: Os bastidores do telejornalismo**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- VIZEU, A.; CORREIA, J. **A construção do real no telejornalismo: Do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- YIN, R. K. **Estudo de caso - Planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.